

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES
FACULDADE DE ARQUITETURA



**METODOLOGIA CRIATIVA PARA
O DESENHO TIPOGRÁFICO**

Joana Nobre Azevedo

Trabalho de Projeto
Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas

ANEXOS

Trabalho de Projeto orientado pelo Prof. Doutor João Aranda Brandão

2022

Índice de Anexos

ANEXO 1: POSTERS TIPOGRÁFICOS ACADÉMICOS.....3

ANEXO 2: ENTREVISTAS AOS ILUSTRADORES.....5

ANEXO 1: POSTERS TIPOGRÁFICOS ACADÉMICOS

Sobra
uma fonte inspirada
nas ilustrações de
Catarina Sobral

Iniciada como um projeto da Unidade Curricular de Tecnologias da Edição, Materialidade, Imaterialidade II no Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas, onde nos foi proposto um exercício de criação e desenvolvimento de uma fonte tipográfica, foi assim que **Sobra** (um tipo de letra **Display**, de classificação técnica **Grotesca Decorativa**) inspirado nas ilustrações de Catarina Sobral, começou a ganhar forma.

Mergulhando no livro "Vazio" (Sobral, 2015) [Fig. 1 e 2] é notável a sensibilidade com que Catarina Sobral desenha os pés e os sapatos dos seus bonecos. Estes invertidos e refletidos horizontalmente, assemelham-se a um 'R'. Ali estava a primeira letra e por consequente o primeiro componente [Fig. 1 e 2] que seria utilizado para o desenho das restantes letras. Ao continuar a navegar nos seus livros, principalmente em "O meu avô" (Sobral, 2014) [Fig. 4] e em "Tão tão grande" (Sobral, 2017) [Fig. 5], eram cada vez mais as letras que se encontravam espalhadas nas suas ilustrações. Os 'o's' eram os grandes olhos das personagens, ou um nariz com grandes narinas. Os 'c's' eram os puxadores das gavetas. Os 'j's' os chapéus de chuva.

O sapato, é assim, o elemento de ligação deste tipo de letra **Display**. As letras são condensadas verticalmente, com um olho da letra grande, como podemos observar nas letras 'a', 'e', 'g', 'o', 'p', 'q', na Fig. 6. Para facilitar a legibilidade e a legibilidade da letra, o 'o', o 'c', o 'p', o 'i' e o 'x' estão desenhados com uma patilha, para tornar as letras individuais mais distintas e fáceis de serem reconhecidas pelo nosso cérebro. Esta opção, neste tipo de letra em particular, aumenta assim, o contraste e espaçamento entre as letras, bem como a diferenciação entre elas.

Nas maiúsculas [Fig. 6], aplicou-se o mesmo estilo gráfico que nas minúsculas, tendo sempre o sapato como elemento de ligação.

Já na pontuação [Fig. 7] conseguimos observar que o ponto final é do tamanho do olho da letra 'o', e que a partir daí faz a vírgula. No caso do ponto de exclamação trata-se apenas da haste vertical mais fina presente no resto das letras. O ponto de interrogação resulta da junção entre a curva do sapato com uma diagonal, uma haste vertical e um ponto final. Em relação aos acentos graves e agudos, com base nos desenhos das letras, a lógica foi adaptá-los a uma forma mais gráfica. No caso do til, estão juntos dois componentes da curva do sapato, refletindo horizontalmente o primeiro.

Devido ao desenho demasiado impactante da letra – especificamente no módulo do sapato, comum a todas as letras –, criou-se um Conjunto Estilístico **OpenType**, o qual podemos observar em ação nas letras 'b', 'd', 'm', 'n', 'p', 'q', 'e' 'u' na Fig. 8.

O que no início era apenas um exercício desenvolvido para uma Unidade Curricular de Mestrado, acabou por se tornar no mote para o atual projeto teórico-prático de dissertação, cujo objetivo é o desenvolvimento de uma nova metodologia criativa a aplicar ao **Desenho Tipográfico**, permitindo a criação de tipos de letra diretamente influenciadas pela ilustração.

Bibliografia:
Crowell, W. H. (2013). *Experimental Typography and the Need for the Experiment*. Em F. Huguen (Ed.), *Win Crowell: Modernism (pp. 441-451)*. Bradford: London.
Newell, C. (2005). *Letterforms: Vancouver: Hartley & Marks Publishers*.
Newell, C. (2005). *The anatomy of writing*. (P. Eversen, Trad.). London: Hyphen Press.
Sobral, C. (2014). *O meu avô*. 1ª ed. Lisboa: Pano Língua.
Sobral, C. (2015). *Vazio*. 1ª ed. Lisboa: Pano Língua.
Sobral, C. (2017). *Tão tão grande*. 1ª ed. Lisboa: Pano Língua.

11 ET
Typography Meeting
November 25–27, 2021
Caldas da Rainha

Joana Azevedo
Faculdade de Belas-Artes
e Faculdade de Arquitetura
da Universidade de Lisboa

LA DA
POLITÉCNICO
DE LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA

Figura 1: **Sobra**. Poster apresentado em 2021 no âmbito do 11.º Encontro de Tipografia, no Centro Cultural e Congressos de Caldas da Rainha.

galo

UMA FONTE
inspirada nas
ilustrações de
TIAGO GALO



Fig. 1
abcde fghijklmnopqrstuvwxyz

Esta fonte, Galo, é um tipo de letra inspirado nos universos de ilustração de Tiago Galo, que nasce durante o desenvolvimento de projeto na fase de investigação ativa do meu atual projeto teórico-prático de dissertação, cujo objetivo é o desenvolvimento de uma nova metodologia criativa a aplicar ao **Desenho Tipográfico**, permitindo assim a criação de fontes tipográficas diretamente influenciadas pela **ilustração**.

Para Tiago Galo, desenhar sempre foi como uma terapia, pela necessidade constante que tem em querer desenhar, pois agrada-lhe pensar na ilustração como uma porta aberta para uma outra qualquer realidade que extravase esta e onde podemos ser e deixar de ser o que quisermos (Galo, 2013), e, ao observar as suas ilustrações, é notório como em cada uma o universo ganha mais personagens. O trabalho do ilustrador passa, então por figuras isoladas que desenha com um certo intuito e sobre um determinado tema, mas que acabam por ser todas incluídas no mundo do seu universo ilustrativo.

Ao analisar as personagens de Galo, é claro o seu estilo próprio e inconfundível, baseado em figuras muito grandes com cabeças pequenas, formas geométricas cheias de cor e textura, como podemos observar entre a **Figuras 1 e 8**. Para começar a desenhar a Galo, esta fonte tipográfica que apresento neste poster científico, recorre a um levantamento cuidadoso do modo como Tiago Galo desenha as mãos e dedos dos seus bonecos (Fig. 3); cria, a partir daí, o módulo principal (Fig. 10) e, conseqüentemente, o elemento de ligação desta **fonte tipográfica**. Conseguimos observar no "o" o dedo com a unha dos desenhos de Galo, o qual se vai repetir (Fig. 11).

Em conclusão, desenhar um tipo de letra é, sim: observar, analisar, selecionar e interpretar, e darmos corpo a um conceito e a uma ideia. O modo como desenhei, também, este poster, reflete a energia da letra em conformidade com os elementos gráficos, tendo-me inspirado nas formas geométricas com cores fortes e texturadas, tão típicas do desenho de Tiago Galo.

Bibliografia:

Galo, T. (ilustrador) (2013). *Into the wild*. [ilustração para artigo] *Orion Magazine*

Galo, T. (ilustrador) (2013). *The architect*. [artigo]

Galo, T. (ilustrador) (2013). *Outlines 90*. Lisboa: *Artes*

Galo, T. (ilustrador) (2013). *Big week*. [artigo] *My City - Atlas Collection Show + 10 years of O'Calada*

Galo, T. (ilustrador) (2013). *The Real Estate Game*. [ilustração para artigo] *The Real Deal Magazine*

Galo, T. (ilustrador) (2013). *Field of flowers*. [ilustração para artigo] *Mother Jones Magazine*

Galo, T. (ilustrador) (2013). *25 de Abril*. [artigo] *Anuário Câmara Municipal de Almada*

Galo, T. (ilustrador) (2013). *Soma*. [artigo] *Livrendaria Print Studio*

Galo, T. (ilustrador) (2013). *Monet*. [artigo] *Livrendaria Print Studio*

Morgan, M. (group). *My Type Design Philosophy*. *Obdião do 1.º de Junho de 2011*. de https://www.posttype.com/articles/my_type_design_philosophy

Morisson, J. (2013). *Artes*. [ilustração]. Lisboa: *Artes*

Neundörfl, C. (2013). *Letztes Mal*. *Handbook & Media Publishers*

Neundörfl, C. (2013). *The stroke theory of writing*. (P. Emerson, Trad.). London: *Hyphen Press*

11 ET
Typography Meeting
November 25–27, 2021
Caldas da Rainha

Joana Azevedo
Faculdade de Belas-Artes
e Faculdade de Arquitetura
da Universidade de Lisboa



Figura 2: **Galo**. Poster apresentado em 2021 no âmbito do 11.º Encontro de Tipografia, no Centro Cultural e Congressos de Caldas da Rainha.

ANEXO 2: ENTREVISTAS AOS ILUSTRADORES

Entrevista a **Catarina Sobral**, no dia 15 de Novembro de 2021, através do *Zoom.us*.

► *Catarina, alguma vez tinhas pensado que as tuas ilustrações iam servir de inspiração para a criação de um tipo de letra?*

► Nunca. Aliás, nem sequer penso muitas vezes, sobre o tipo de projetos pedagógicos que os professores fazem com as histórias. Eu faço aquilo e depois aquilo pertence ao mundo. Então acho que essa apropriação é sempre surpreendente e é sempre um ganho para mim, fico sempre satisfeita quando vejo essa apropriação.

► *Achas que a caligrafia e/ ou a tipografia têm alguma importância ou algum impacto nos livros de ilustração?*

► Bem, há a questão da relação formal entre texto e imagem que é sempre muito importante ter em conta não só em termos de *layout*, mas também na adequação da caligrafia e da tipografia que se escolhe em relação ao texto e ao estilo de ilustração. A maior parte dos livros que eu faço, sou eu quem desenha a tipografia nesses livros. Desenho as letras, desenho o alfabeto, ponho no *FontLab* e depois uso aquilo às vezes para cartazes para promover o livro. E eu gosto de usar os mesmos materiais que uso na ilustração para desenhar as letras. Pensar sempre em qual é a estética das letras, qual é o estilo das letras para aquele livro. Por isso sim, acho que é essencial. Eu também venho de Design Gráfico por isso, para mim, sempre foi um elemento que ajuda a compor a página, a mancha de texto. Há alguns livros que têm balões de texto em que eu uso a caligrafia de forma expressiva precisamente para ajudar na composição da ilustração.

► *Usas a tua caligrafia porque não encontras outros tipos de letra que possam fazer uma boa combinação na composição dos teus livros? Sentes a necessidade de usar a tua caligrafia exatamente para dar coerência?*

► Eu já usei tipografia, mas de fato foi muito pouco. Eu penso no livro como um conjunto: texto, imagem e design. Não acho que não fosse possível utilizar outra e às vezes já aconteceu, por exemplo no *Vazio*. Na edição espanhola era preciso uma tipografia para a ficha técnica e para eu não estar a escrever toda à mão. Também queriam colocar um texto na contracapa, então aí, quando se vende direitos, às vezes alguns editores preferem mudar para alguma tipografia. Ou quando é preciso ajustar mais elementos, às vezes tenho que pensar ou aprovar aquela que eles propõem ou sugerir uma tipografia que sirva para um determinado livro. Porque às vezes não posso estar a fazer tudo à mão. Isso significa que existe e que eu permito usar tipografia já existente nos livros, mas eu mesmo quando estou a desenhar a ilustração, muitas vezes já desenho a mancha

de texto, para ver como é que fica, para guardar o espaço para ela e acabo sempre por preferir isso, não é uma questão de não ter lógica ao contrário, é uma mistura de intuição e processo de trabalho.

► *Certo, é quase como se a caligrafia já fizesse mesmo parte das tuas ilustrações e das composições visuais que crias. Este Trabalho de Projeto aborda temas como a criatividade e como trabalhá-la. Tens a noção que não há limites? Para ti, a criatividade tem um fim?*

► Eu gosto de impor constrangimentos no início, quando estou a explorar técnicas ou a explorar estilos de composição, paletas cromáticas etc. Por exemplo, “o verde é só nesta caneta, o vermelho é só neste lápis de cera e o rosa é só neste lápis de cor, e as personagens só têm esta maneira de mover os braços”. Esse tipo de constrangimentos ajuda a fixar uma linguagem gráfica e estética para o livro. Um futurista literário, Marinete, dizia que “não há nada melhor que um bom constrangimento para a criatividade”. Nesse sentido sim, eu acho que a criatividade beneficia de limites, mas ela em si não tem limites, podes imaginar tudo e fazer tudo. Se calhar pode é não ser tudo de uma vez.

► *Sentes que desenhas tudo o que estava na tua cabeça? Ou passas por várias tentativas/ erro até resolveres aquilo que tens pensado para uma determinada ilustração?*

► Sim, e às vezes também me dificulta ou me custa abandonar umas coisas que eu acho que resultam sozinhas, mas depois não resultam no conjunto. Às vezes há elementos nas ilustrações que eu tenho de abandonar porque causam entropia naquela composição. Por vezes há páginas no meio da sequência que eu acho que resultam, mas não funcionam naquela sequência. Então sim, aí é preciso haver critério naquilo que beneficia o conjunto. Por isso não desenho tudo e tenho de fazer escolhas.

► *Para ti, ilustrar acaba por ser um modo de falar?*

► Sim, é o meu modo de falar. Eu diria que a ilustração e o álbum ilustrado. E às vezes não é só o álbum ilustrado, uma vez que também faço cinema de animação e teatro para crianças, mas é uma linguagem multimodal – texto e imagem às vezes com som, às vezes com movimento, mas esse conjunto texto e imagem é a minha forma de comunicar. Priorizo o álbum ilustrado porque tem um formato versátil que comunica de diversas maneiras, até pelo tamanho do livro. Tudo comunica no álbum ilustrado.

► *Essa visão em comunicar dessa forma, veio desde cedo?*

► Eu sempre gostei muito de desenhar e de pintar. Quando era pequena dizia que queria ser pintora e desenhava bastante. Mas depois houve uma fase em que já não me interessava muito. Depois começou-me a seduzir a ideia da relação texto/ imagem. Inicialmente pensava que queria ir para publicidade porque tem muitas coisas em comum com o álbum ilustrado (essa relação entre o texto e a imagem), o humor, as mensagens a serem ampliadas pelas coincidências dos dois no mesmo espaço físico, que é a página, ou a prancha, ou a página da revista ou do *outdoor*. Foi essa forma de comunicar a publicidade que depois me voltou a dar vontade de desenhar. Fui para Design e descobri os álbuns ilustrados e percebi que era por aí.

► *Nesse caso, achas que a ilustração é mais livre que o design gráfico?*

► Eu acho que é mais livre sim. Tem menos a necessidade de ser clara na mensagem. O design gráfico precisa de ser mais eficiente. A ilustração por ser mais subjetiva é bom que tenha várias interpretações, é bom que o leitor faça a sua história e então há mil histórias num só livro. No design gráfico não convém, por exemplo, que quando se está a anunciar um concerto no sítio x e na hora tal, as pessoas interpretem que é noutra sítio a outra hora. Então, o design gráfico tem de ser mais objetivo.

► *É importante para ti a diversidade de interpretações que os teus leitores fazem de uma ilustração tua ou de um álbum ilustrado teu?*

► Como te disse no início, eu normalmente trabalho sem pensar muito nas consequências, depois é entregue e é do leitor. Quando estou no processo de uma ilustração ou de um livro completo, eu penso em deixar vazios entre texto e imagem para haver espaço de interpretação, é verdade. É importante, de fato. Mas não penso nas possibilidades de interpretação diferentes. Eu gosto de descobrir depois. Preparo-me para uma coisa aberta, universal, sintética, que dá para explorar de várias maneiras, e depois gosto de receber as mensagens do que pode ser. O *Vazio* então, por exemplo, já foi sobre racismo, já foi sobre saúde mental, sobre género, já foi sobre mil coisas, e eu acho incrível, porque eu nunca fui capaz de ver essas coisas no *Vazio*, mas fiz de forma que também fosse aberto. É importante, mas também não me preparo com o objetivo de ter várias leituras concretas.

► *Imagina que desenhas as mesmas formas e usas as mesmas cores num próximo livro. Depois de já teres recebido certos comentários ou outras opiniões, isso influencia quando estás a fazer outro trabalho, em que queiras usar as mesmas técnicas ou as mesmas formas? Pensas “no Vazio pensaram que era isto, o que é que será que vão pensar agora?”*

► Boa pergunta... Não sei. Há muitas coisas que eu racionalizo, porque já me facilitam o processo de trabalho. Já sei regras de composição, regras de equilíbrio de cores que fazem com que à primeira me saia uma ilustração mais rapidamente do que há dez anos atrás. Mas em termos de repetir estilos de figuração, eu repito mais estruturas narrativas e acho que é mais por aí que eu oriento o tipo de livro. Se eu quero um livro mais do grupo dos livros em que se gera um caos no início e depois é preciso resolver esse caos, ou dos outros. Agora, em termos de formas, tipos de figuração e a linguagem das personagens, não, não acho que pense muito nisso *a priori*, tendo em conta aquilo que já foi feito. Adequo sempre ao texto e àquilo que me apetece fazer na altura.

► *Como é que comesças um projeto? Por pesquisa, referências? Há algum(s) tipo(s) de trabalho(s) de outro(s) artista(s) que seja(m), para ti, um projeto de referência?*

► Sim, mas depende de cada texto e do que me apetece fazer no momento. Também tem a ver com o tipo de materiais que quero usar e depois em função do que preciso de fazer, vou buscar referências, vou ver os meus livros, vou ver artistas e ilustradores de quem gosto. Por vezes acontece ter feito uma ilustração única para um artigo ou para um cartaz ou para um jogo e que eu depois pensei “isto tem potencial para um livro”, então depois vou resgatar isso que fiz pontualmente.

► *Como é que começa e se desenrola o teu processo criativo? Surge a ideia ou o projeto de teres que fazer um álbum ilustrado e consoante o texto, moldas-te a isso? No teu processo criativo, restringes-te em tempos/ prazos ou são coisas que vais deixando entrar no teu dia a dia enquanto és bombardeada com alguns estímulos visuais e depois... “eureka!”?*

► Sim, não há uma epifania e pronto “é esta a solução!”. Vou pensando, vou observando, vou estando atenta e mesmo quando já tenho uma ideia e ainda se está a desenvolver o livro, às vezes há coisas que não estão bem resolvidas. Mesmo durante o processo continuo a ser uma “esponja”. Há coisas que já não vão mudar, senão teria de mudar o livro todo, mas às vezes há coisas que “isto cabe lá”, como coisas de humor onde posso colocar alguma brincadeira, ou até mudar o fim.

► *Quando estás a criar uma personagem, como é que ela nasce? Começas por alguma(s) parte(s) em especial?*

► Na prática quando começo a desenhar pessoas, começo sempre pelo nariz. Depois organizo a cabeça em função disso e só depois é que vem o corpo. Animais é diferente, mas normalmente é sempre pelo rosto e se calhar, no caso dos animais é o focinho.

► *Aos teus olhos, a ilustração é mais autoral do que o design?*

► Acho que sim. Obviamente há ilustração mais comprometida com o cliente e há design mais comprometido com a autoria, mas em termos estatísticos, normalmente a ilustração tem mais alma, tem que ter mais coração. No curso de design em Aveiro havia três eixos para definir o desígnio, e um deles é o eixo da autoria. Eu acho que tendencialmente a ilustração tem mais esse eixo da autoria. Se eu fosse falar de bailado, acho que ainda teria mais. Porque o bailarino está com o seu próprio corpo, com a sua própria imagem e no entanto foi encenado por outro autor e está a interpretar a obra de outra pessoa. Mas o tipo de envolvimento que o artista tem com a obra, que acaba por ser maior o envolvimento pessoal que vai definir se tem essa autoria ou não. E acho que há mais envolvimento da pessoa na ilustração do que no design.

► *Se antes havia pouca literária do ponto de vista da imagem, sem dúvida que hoje parece haver uma saturação daquilo que nos é apresentado no dia a dia. Para ti, qual é o papel da ilustração a esse respeito? Qual a tua perspetiva desta atividade, em Portugal?*

► Concordo. Talvez precisemos de cada vez mais, tanto enquanto artistas como enquanto leitores, ter esse entendimento, mas a ilustração está a ser uma profissão que está a crescer muito em Portugal e está a formar leitores. Está a formar público também, então o público como os próprios criadores têm um maior entendimento sobre esse papel da ilustração.

► *O que desenhas hoje será o que vais desenhar daqui a 10 anos?*

► Eu mudo sempre muito, mas o que está por trás, o tipo de organização no espaço da página, o nível de detalhe, a criação de texturas, o humor, a nostalgia, estão lá sempre. Então para mim é isso que define as imagens que eu faço. Acho que vou continuar a fazer a mesma coisa. Eu vou crescer e vou ser uma pessoa diferente daqui a dez anos, mas acho que a parte da autoria não vai ser mutável.

► *Como é que olhas para os teus primeiros projetos? Terias feito alguma coisa de diferente?*

► Sim, sinto que poderia. É engraçado que com o livro *Greve*, houve um período em que eu por vezes nem o colocava no portfólio para enviar a algumas editoras, ou entrevistas. E depois voltei

a fazer as “pazes” com ele e acho que está mesmo giro. Já dei a volta, já fiz a análise crítica, o que podia ter melhorado, o que está mal feito, e agora consigo observar com outros olhos e ver que “isto está realmente adequado à pessoa que eu era na altura e está muito bem para a pessoa que eu era na altura, e também está novo para aquilo que se fazia na altura e continua fresco”. Então, já me aconteceu isso e agora nem por isso... agora gosto de ver essa pessoa que eu era. Às vezes vejo e digo “Que engraçado, agora não faria isto assim, mas é engraçado que tenha feito”.

► *Enquanto professora, és surpreendida muitas vezes pelos teus alunos?*

► Eu aprendo imenso com os alunos. Há alguns exercícios que eu faço com frequência e que já outros professores fizeram. Acho interessante porque na verdade eu também o fiz a partir de um exercício que eu vi outra artista a fazer e pensei “é exatamente o meu processo de trabalho, portanto vou adotar a nomenclatura” que se chama “problema, solução, catarse”. Isto faz com que eu oriente bastante o tipo de narrativa das pessoas e dentro disso elas têm uma liberdade imensa, mas eu acho giro que possa estar a formar uma espécie de escola ou linguagem narrativa para alguns alunos que no fundo é o que faz uma editora. Uma editora tem uma linha editorial e, no fundo, eu tenho uma linha editorial com os meus alunos. É como se eu fosse uma editora e tivesse que orientá-los no sentido de encaixá-los na minha visão. Mas sim, aprendo muito com eles e descubro muitas coisas e quando fazem essas descobertas fico sempre muito orgulhosa e muito grata.

Entrevista a **Tiago Galo**, no dia 16 de Novembro de 2021, através do *Zoom.us*.

► Fiquei muito honrado que tenhas escolhido as minhas ilustrações para participar no *36 days of type*, nunca ninguém tinha feito uma tipografia com as minhas ilustrações e foi engraçado ver o resultado final.

► *Uma das perguntas que eu tinha para ti era mesmo essa, se estavas à espera, ou se alguma vez pensaste que as tuas ilustrações servissem como inspiração para um projeto de construção de um tipo de letra?*

► Nunca pensei nisso, foi uma surpresa enorme e foi muito engraçado ver o resultado final, porque resulta muito bem. Nas mãos consegues ver os *M*'s. Tu conseguiste perfeitamente ver aquele estilo e transformar muito bem numa letra. Acho muito bem e acho muito engraçado. Fiquei muito contente com o resultado.

► *Este mundo da ilustração tem exatamente essa função. Nós conseguimos pegar em vários objetos e fazer coisas completamente diferentes. Nós conseguimos pegar nas mãos e nos dedos que desenhas e conseguimos fazer letras completamente diferentes. Fizemos imensos *A*, imensos *M*, que são completamente diferentes daqueles que acabaram por ser os finais.*

► Mas provavelmente depois tens de arranjar uma coerência entre eles todos, não é? Ou gostavas de alguns *A* mais do que de outros mas tiveste que escolher um que se adapta melhor porque aquele outro não fazia tanto sentido e isso também faz parte do trabalho.

► *Exatamente. Este Trabalho de Projeto aborda temas como a criatividade e como trabalhá-la. Tens a noção que não há limites? Para ti, a criatividade tem um fim? Nos projetos no que desenhas, sentes que desenhas tudo o que está na tua cabeça?*

► Tem alguns limites. Os limites é um bocado o que as pessoas debitam, porque como eu trabalho como ilustrador, as pessoas estão à espera de um determinado tipo de ilustração da minha parte por isso eu não posso, quando me convidam para fazer uma ilustração para uma revista ou para um produto qualquer, já estão à espera que eu faça um determinado tipo de ilustração, ou seja, não posso fugir muito dali. No fundo eu tenho esse limite dentro do mundo que criei. Neste caso a ilustração. Eu gosto de fazer outras coisas e faço outras coisas diferentes muitas vezes e exploro outras coisas e linguagens, mas eu tenho de preservar um bocado a minha identidade. Esta já é a parte mais comercial a falar, porque na verdade eu tenho de fazer disto o meu trabalho não é? Eu vivo só da ilustração. E então no fundo é criar. É quase como uma tipografia quando tu crias

aquele universo. Tens de fazer um universo e depois dentro desse universo vais criar cada letra e elas têm de pertencer àquele universo. No meu caso é a mesma coisa, eu crio o meu universo e a partir desse universo tenho a liberdade total mas contido nesse universo. A não ser que eu faça um trabalho pessoal que já não tenha nada a ver com o que as outras pessoas esperam, mas é simplesmente para mim, aí já posso pôr outras coisas. Mas o meu *storefront* para as pessoas, aquilo que as pessoas vêem, elas estão à espera dessa identidade e dentro dessa identidade a minha identidade tem de obedecer a certas regras. Às vezes é um bocadinho limitativo e eu fico um pouco frustrado porque há coisas que se calhar eu conseguia fazer de outra maneira mas tenho de obedecer àquelas regras. Mas regra geral é um desafio quando consigo. Sou também muito perfeccionista e gosto muito de explorar e andar ali a matutar a ver se consigo mesmo ter ali aquela ideia a combinar bem com este universo e com aquelas regras que eu impus a mim próprio e então depois é muito engraçado ver esse resultado final e perceber o processo. Vendo isso como um desafio: é assim que eu gosto de ver as coisas, mais do que um limite é o desafio. O resultado final é um *puzzle* e tu vais juntado as peças. Temos projetos onde desenhamos várias coisas diferentes, nuns tens pássaros, noutros gatos, mas depois quando vais ver o teu portfólio e vês tudo junto, as coisas também fazem parte umas das outras e é engraçado. Tu também entendes isso com a tipografia, vais construindo aos poucos com cada desafio. São essas peças do *puzzle* no fundo, que depois vais juntando tudo e o universo vai-se montando todo a ele próprio com os vários projetos que tu fizeste porque pertencem ao mesmo mundo, têm as mesmas regras, a mesma linguagem.

► *Disseste que vives só da ilustração. Porquê ser ilustrador? Achas que é a tua maneira de falar, de expressar?*

► Ilustração é uma coisa que já vem de há muitos anos. Eu tirei o curso de arquitetura e trabalhei como arquiteto muitos anos (super esforçado claro) porque lá está, é complicado. Ainda por cima não tirei um curso de artes no secundário, fui para a Faculdade de Arquitetura, mas não tirei nenhum curso de artes, sou completamente autodidata. Desde miúdo que queria ser ilustrador. Queria fazer banda desenhada, queria fazer os desenhos animados da televisão; eu queria fazer essas coisas todas e não sabia como. Os meus pais não tinham ligação nenhuma às artes, nem ninguém da minha família e era muito complicado eu perceber como é que lá chegaria. Então os meus pais foram-me encaminhando para a arquitetura. Viam que eu desenhava bem então eu fui sendo direcionado, fui um bocadinho encostado à parede na verdade. Até houve uma altura que quis ir para design. Descobri a Bauhaus e pensei “é isto que eu quero, eles são espetaculares!”, mas os meus pais disseram que ir para arquitetura era melhor para mim porque é uma coisa multidisciplinar: “podes fazer tudo com arquitetura”, diziam eles, o que é mentira. É mentira porque as coisas já estão pré-definidas. A faculdade está tão formatada que tu vais acabar por ser

desenhador de *Autocad* numa cave como os arquitetos de um atelier qualquer. Para pessoas como nós que estamos sempre à procura de coisas diferentes... Tu se calhar vês letras em tudo, aposto que encontras letras em todo o lado.

► *Como é que comesças um projeto? Por pesquisas, por referências? Tens trabalhos de autores ou artistas que sejam para ti um ponto de referência?*

► Sim, mas já foi mais assim. No início quando eu tinha algumas dúvidas havia alguns artistas que eu seguia bastante. Quando estava nessa “coisa” de construir o meu estilo, de tentar perceber o que é que eu viria a ser. Vou contar-te uma história. Eu lembro-me de quando pensei “é bom ter só um estilo”, porque eu lembro-me que fui ao *Behance* ver uns portefólios. Na altura eu estava a trabalhar em arquitetura, mas andava a explorar outras coisas, de ilustração e design, coisas que eu queria fazer. E então pensei, como eu tinha um portefólio de *Behance* disse “vou-me inscrever, vou lá ver o que é que eles têm para me dizer”. E havia um avaliador que me dizia: “Epá, isto é espetacular! Tu fazes montes de ilustrações diferentes!”, porque eu tinha muitos estilos, fazia várias coisas diferentes e ele dizia, “Tu dominas várias coisas, continua aí, vai fazendo!”; Depois ia a outro e ele dizia “Epá, muito mau, tu tens que te dedicar só a um”. E na altura eu fiquei a pensar qual deles é que teria razão, fiquei dividido. E só com o passar dos anos é que fui percebendo que de fato aquele que dizia que tenho de me dedicar só a um estilo é que tinha razão, por muito limitador que isso possa ser. Na altura quando estava a tentar perceber pensei várias vezes: “então mas e agora isto é uma coisa com que eu vou ter de viver, vou ter de viver com isto” e para tu criares um *mood* tens de te sentir confortável com o que vais criar, porque se “eu quero ser ilustrador e quero que as pessoas me reconheçam por isso, podem existir algumas alterações, mas a minha linguagem é uma evolução, percebe-se que pertencem ao mesmo mundo e que as coisas foram evoluindo normalmente dentro do mesmo formato”.

► *Mas isso também tem consequências positivas.*

► É bom e tem que ser assim, a regra tem que ser essa e é o conselho que eu dou às pessoas para desenvolverem o seu próprio estilo. Mas quando estás a construir esse estilo eu ia sempre pesquisar muitos ilustradores, um deles era o Owen Davey. Aqui em Portugal eu gostava muito do João Fazenda, pela maneira como ele criava ambientes. Ele e o André Carrilho devem fazer parte dos melhores ilustradores. Então nesse processo eu ia muito à procura dessas referências, mas agora já não tanto. Agora vou à procura das referências dentro das minhas ilustrações, naquilo que eu já fiz, para fazer ver o que é que vive ali também naquele mundo. Não quer dizer que eu não esteja atento aos outros, porque eu vejo e consumo muita ilustração. Compro muitos livros e estou

sempre a ver o que os outros fazem, experimento coisas diferentes também, mas é que como eu já tenho este universo, agora vivo dentro dele e se eu for buscar coisas a outras pessoas já vai criar ali algumas entropias com o meu universo.

► *Como é que se desenrola o teu processo criativo? Tens alguma parte especial por onde comesças a desenhar uma personagem? Algum ponto de partida?*

► Como é muito geométrico, eu geralmente tento perceber as proporções das formas. Vivo muito à custa de círculos e quadrados que são alterados, então o que é muito importante é perceber as proporções. É muito importante perceber se a ilustração vai ser quadrada, ao alto, se vai ser ao baixo, vai ter esta dimensão. Isso aí condiciona logo a ilustração e eu não posso começar por um sítio porque depois vai ser difícil pôr tudo junto. A ideia é muito importante. É importante coordenares a ideia e tentar ver quantos planos é que tu tens: se vais ter só um personagem, se vais ter dois, se vais ter três, como é que eles se vão enquadrar todos. Então passa um bocado por essa composição, tentar perceber como é que vai ser o equilíbrio da ilustração.

Mas antes de começar a desenhar e de esboçar eu vivo com a ilustração na cabeça, ou seja, eu não começo logo a desenhar, para mim é importante estar com ela dentro da cabeça antes de a fazer, porque há pessoas que pegam logo nisso começam logo a desenhar e é de lá que saem as ideias à medida que vão desenhando. No meu caso eu vivo muito na minha cabeça, eu vou vivendo com ela, às vezes até digo, “Hoje não vou fazer nada, vou só pensar nela (na ideia) e vou andar por aí”. E as ideias vão surgindo, depois é que eu passo para o papel. Normalmente o processo é este, não passo logo para o papel, penso um bocado sobre elas, vivo com elas durante o dia e é um processo natural. É uma coisa que ainda hoje me espanto e tem a ver com a prática, na altura quando comecei ficava sempre intimidado, a pensar e se eu falho e se eu não gosto do que eu vou fazer, mas depois ganhas um bocadinho de confiança no teu trabalho e isso é maturidade, é normal e é assim que se processa. As coisas vão surgindo naturalmente, vais tendo confiança naquilo que pensas, porque pensas que “Sim, estas ideias são boas”, o que já fizeste até hoje já te dá um bocadinho de autoridade para teres segurança nas coisas que pensas, para defenderes as tuas ideias. Claro que podes propor coisas e os clientes não gostarem, mas tem corrido bem.

► *E funcionas também por tentativa erro? Por exemplo, nas ilustrações que comesças e percebes, eu tinha isso na minha cabeça mas afinal não é isto.*

► Sim, já aconteceu, principalmente com temas que não me interessam tanto, mais institucionais, sem grande piada. E é muito frustrante. Já aconteceu também mudar coisas à última da hora. Tens de acreditar no teu trabalho, se não acreditas nele não vale a pena e não vale a pena forçar isso, só

te estás a enganar a ti própria, tens de ser honesta contigo, seres autocrítico é muito importante, talvez a coisa mais importante no trabalho artístico.

Porque é um processo muito pessoal, a criatividade é uma coisa muito pessoal, és tu, não tens que seguir o que os outros dizem. A criatividade é uma coisa pessoal e transmissível (porque as outras pessoas também vão lá beber), mas é pessoal.

► *E achas que a ilustração tem um lado mais autoral que o design gráfico e a arquitetura não têm?*

► Eu acho que o design gráfico e a arquitetura também têm, se bem que hoje em dia estamos tão povoados por coisas tão parecidas e tão iguais em todo o lado que se vai perdendo essa identidade. A ilustração ainda assim tem muita gente a fazer muitas coisas iguais, fico um bocado frustrado. Em disciplinas como o design e a arquitetura acho que ainda é mais difícil porque as pessoas realmente copiam-se umas às outras e pensam “é isto, as pessoas estão à espera disto, é isto!”. Mas não é bem verdade, é possível teres a tua identidade na arquitetura. Tens exemplos como o Siza Vieira, Le Corbusier, onde consegues perceber perfeitamente que aqueles são edifícios deles. Na ilustração é a mesma coisa e é esse o objetivo.

► *Nos dias de hoje parece haver muita saturação daquilo que nos é apresentado diariamente. Qual é que achas que é o papel da ilustração a esse respeito e qual é que é a tua perspectiva desta atividade em Portugal?*

► Portugal tem uma boa base de ilustradores, principalmente para ilustração infantil acho que existe pessoal muito bom a fazer ilustração infantil em Portugal. De resto, noutros *media* ainda não, as pessoas ainda não apostam muito na ilustração por exemplo para os jornais, para as revistas, não vês muita ilustração. A maior parte dos meus clientes são estrangeiros, apesar de ter alguns clientes portugueses, mas para jornais e revistas é tudo mais para fora. Não se dá muita primazia. Num artigo preferem pôr uma fotografia, a ilustração ainda não faz parte desse mundo. Cá em Portugal ainda é visto como uma coisa para crianças e talvez é por acharem que o desenho é para crianças que deixam de desenhar porque para as pessoas o desenho só pertence ao mundo das crianças, mas isso não é verdade nem podia estar mais longe da verdade. E acho que aqui em Portugal também há uma ilusão muito grande porque no mercado, hoje em dia, as ferramentas para fazeres ilustração estão à disposição de qualquer pessoa, qualquer pessoa tem um computador, tem maneiras de divulgar o seu trabalho através das redes sociais. Também foi assim que eu comecei, portanto tens à mão todas as ferramentas que antigamente era muito complicado teres acesso a elas. Agora é muito fácil publicares uma ilustração tua. Isto também é perigoso, porque as pessoas acham que podem ser ilustradores e podem ser designers só porque tiraram um curso online e podem achar que bastará isso para ficar habilitados a fazer esta profissão. Toda a gente

pode vir a ser um artista, mas para isso é necessário muito trabalho e nos dias de hoje as pessoas acham que o podem vir a ser sem terem muito trabalho para o conseguir e isso é uma ilusão muito grande.

► *Vejo muito esta frustração de pessoas que conheço, mas vejo também muitas coisas boas. Conheci pessoas na minha faculdade que agora têm ilustrações incríveis e que espero que venham a ser um dia grandes ilustradores. É uma sensação ambígua porque há pessoas que partilham trabalhos muito bons nas redes sociais que querem um dia vir a ser ilustradores de renome.*

► Claro e acho muito bem. Também foi assim que eu comecei a fazer coisas de ilustração mas tens de trabalhar bastante, não basta tirar um curso para ser ilustrador. As coisas têm o seu tempo, é preciso muita aprendizagem, humildade. É um processo. E hoje em dia as pessoas querem viver de uma maneira muito rápida e perde-se essa calma, essa introspeção, o tempo de trabalho necessário, essa humildade de perceberes que ainda estás no início da tua carreira e o trabalho para lá chegar. Não podemos querer ter tudo já e as pessoas querem tudo para já e isso é um sinal dos tempos em que vivemos e isso também se aplica à prática artística, não quer dizer que qualquer pessoa não possa ser artista, tem é que trabalhar para isso. Para finalizar, acho que em Portugal há essa ilusão.

► *É importante para ti a diversidade de interpretações que os teus leitores fazem de uma ilustração tua ou de um álbum ilustrado teu?*

► Já me influenciou mais, na verdade. Ando a pensar muito nisto, porque há aquela coisa do algoritmo que influencia a quantidade de pessoas que vão ver as tuas publicações nas redes sociais e pode influenciar se tens mais visualizações e mais gostos ou menos gostos e isto pode influenciar a tua opinião sobre a qualidade dos teus trabalhos. Se só vivermos nesta perspetiva não é justo. As pessoas tem de encontrar outros meios de se valorizarem a si e ao seu trabalho, a opinião dos outros é importante, mas não é tudo. Não podemos basear-mos apenas nisso, é importante que valorizes a opinião dos outros mas nos dias que correm também tens que confiar em ti próprio e não estar dependente do que os outros pensam.

Há aqui uma dicotomia grande com o que eu disse anteriormente, mas não estarmos dependentes do que os outros pensam e do que colocamos nas redes sociais é muito importante porque estamos cingidos a algoritmos que estão programados para partilhas e para o dinheiro.

► *No meu caso quando criei uma conta nas redes sociais para partilhar os meus projetos, sabia que não iria ter muito alcance, mas foi muito gratificante conseguir partilhar contigo e com a Catarina Sobral os meus projetos e por ter tido o vosso feedback...*

► Essa parte é a melhor, a da partilha e de conseguires conhecer pessoas e falares com outras pessoas. Agora estar dependente de um algoritmo isso não reflete a tua qualidade, muito menos agora que o Instagram está cada vez mais programado para as vendas e não ajuda os artistas na partilha do seu trabalho. Existem outras plataformas que são melhores para partilha de trabalhos neste momento.

► *No ilustrário, livro da Catarina Maia “Guia sobre o orgasmo feminino” como é que aconteceu essa colaboração entre os ilustradores?*

► Não tivemos contato nenhum entre ilustradores, cada um enviou o seu trabalho individualmente. No Porto existe uma comunidade de ilustradores muito bonita, lá as pessoas conhecem-se todas e falam entre si e colaboram, aqui em Lisboa nem por isso, estamos mais dispersos. Acho que a única coisa aqui em Lisboa mais agregadora é através da Lavandaria, pois muita gente lá vai fazer serigrafia e eu vou conhecendo as pessoas por aí. Por exemplo no Porto, conheço a Mariana Miserável e ela lá conhece toda a gente e por vezes acabamos a beber café com mais não sei quantas pessoas que são ilustradores e acabamos por nos conhecer. Aqui em Lisboa as pessoas não se conhecem tanto, comunicamos por e-mail. Nesta atividade é também muito importante fazer coisas em conjunto, fazer projectos em conjunto, fanzines, exposições.

► *No início deste projeto pensámos: “Então, mas isso é como se copiassem as ilustrações deles, é pegar nas coisas deles”, mas não é. Estamos a inspirar-nos nas obras deles, tal como nos podemos inspirar numa paisagem, numa fotografia, em qualquer coisa. E nós estamos a fazer um tipo de letra. E como estamos a comunicar e a partilhar isso com eles, não é como se estivéssemos a esconder este projecto...*

► É uma pessoa que não entende, é um bocado redutor pensar que isso é uma imitação. Mas as pessoas não têm muita culpa sabes, como te disse as coisas estão feitas para que as pessoas cortem completamente o seu lado artístico e o seu lado sensível, essa sensibilidade artística as pessoas param de explorá-la a partir de uma certa idade. E depois vão para as suas profissões, para as suas vidas e deixam de explorar e ter contato com ela. Falo também da música, é uma ótima forma de expressão e a partir do 6º ano toda a gente deixa de ter música. Perdes o desenho, perdes a música, perdes todas essas formas de expressão artística que te podem ajudar até na matemática, na poesia. Perdes essa comunhão toda para aprender toda uma outra carrada de coisas que não são tão

importantes na escola quando podias aprender outras coisas ainda mais interessantes que te dariam outras faculdades para mais tarde explorares outras coisas.

Mas porquê? As pessoas deviam estar expostas ao máximo de número de coisas possível durante uma certa idade para tu experimentares, para tu perceberes o que é que queres fazer. Até podes descobrir que aquilo afinal não é o que queres fazer, mas pelo menos experimentaste. Perdemos tempo com muitas coisas na escola e metade dessas coisas é de deitar para o lixo porque nem queremos estar ali, nem gostamos daquilo que estamos a aprender, nem queres estar ali a aprender aquilo.

► *Enquanto estávamos a falar que era necessário termos a nossa identidade, principalmente como ilustrador, tu tens a tua identidade, mas achas que daqui a dez anos vais estar a desenhar o que estás a desenhar hoje?*

► É uma boa pergunta. Não faço ideia como é que as coisas podem evoluir, não faço mesmo ideia. E é engraçado não termos essa ideia porque assim é uma espécie de livro em aberto. Não dizer que vou continuar a desenhar como desenho agora permite-me dizer daqui a uns tempos “Olha agora vou fechar este mundo, vou acabar com este universo!” e isso permite-me começar a fazer coisas diferentes. Isso pode acontecer, e faz parte da tua transformação e do teu processo natural artístico e de evolução, ou então posso estar sempre a fazer a mesma coisa e estar super feliz com isso. É engraçado não saber aquilo que vai acontecer no teu processo artístico.